

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

**CLÁUDIA SATER MELNIK  
EMANUEL GOETZKE**

**AS REPRESENTAÇÕES DA ALMA NA OBRA *HARRY POTTER AND  
THE DEATHLY HALLOWS* DE J.K. ROWLING: A JORNADA DA  
PSIQUE EM BUSCA DA COMPLETUDE**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CURITIBA  
2014**

**CLÁUDIA SATER MELNIK  
EMANUEL GOETZKE**

**AS REPRESENTAÇÕES DA ALMA NA OBRA *HARRY POTTER AND  
THE DEATHLY HALLOWS* DE J.K. ROWLING: A JORNADA DA  
PSIQUE EM BUSCA DA COMPLETUDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Professora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Andréia F. R. Gomes  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Jaqueline Bohn  
Donada

**CURITIBA  
2014**

---

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

AS REPRESENTAÇÕES DA ALMA NA OBRA  
*HARRY POTTER AND THE DEATHLY HALLOWS*  
DE J.K. ROWLING: A JORNADA DA PSIQUE EM  
BUSCA DA COMPLETUDE

por

CLÁUDIA SATER MELNIK  
EMANUEL GOETZKE

Este trabalho de conclusão de curso foi apresentado em 27 de fevereiro de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português – Inglês. Os candidatos foram arguidos pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Jaqueline Bohn Donada  
Prof<sup>a</sup>. Orientadora

---

Regina Helena Urias Cabreira  
Membro titular

---

Zama Caixeta Nascentes  
Membro titular

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaríamos de agradecer a todos aqueles que de alguma forma colaboraram para a concepção e produção desse trabalho.

Primeiramente à nossa orientadora Jaqueline Bohn Donada que nos encorajou a prosseguir com um trabalho mais profundo a partir de uma ideia que surgiu na aula de Literatura Inglesa e nos encaminhou nesse percurso.

Aos professores que compõe nossa banca: Regina Helena Urias Cabreira e Zama Caixeta Nascentes que estavam sempre dispostos a nos receber e auxiliar em nossas dúvidas.

E, por fim, aos nossos colegas que demonstraram interesse pelo assunto e nos incentivaram nessa jornada.

Edén



## RESUMO

GOETZKE, Emanuel; MELNIK, Cláudia Sater. As representações da alma na obra *Harry Potter and the Deathly Hallows* de J. K. Rowling: a jornada da psique em busca da completude. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

O seguinte trabalho está inserido na área de Literatura e tem por objetivo explorar as representações da alma na obra *Harry Potter and the Deathly Hallows* de J.K. Rowling. A partir de uma abordagem literária com base em conceitos da teoria junguiana, apresenta-se uma análise dessas representações, seus significados e como elas afetam o herói no decorrer da narrativa.

**Palavras-chave:** Arquétipos. Representação da alma. Psique. Horcrux.

## ABSTRACT

GOETZKE, Emanuel; MELNIK, Cláudia Sater. The representations of the soul in the work *Harry Potter and the Deathly Hallows* by J. K. Rowling: the journey of the psyche in search of completeness. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

The present project is inserted in the area of literature and aims to explore the representations of the soul in the work *Harry Potter and the Deathly Hallows* by JK Rowling. From an literary approach based on the concepts of Jungian theory, an analysis of these representations is presented, their meanings and how they affect the hero in the course of the narrative.

**Keywords:** Archetypes. Representation of the soul. Psyche. Horcrux.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2 O INCONSCIENTE COLETIVO E OS ARQUÉTIPOS</b> .....	<b>10</b>
<b>3 A ALMA HUMANA</b> .....	<b>12</b>
3.1 A <i>DRAMATIS PERSONAE</i> DA PSIQUE EM HARRY POTTER .....	13
3.1.1 A Tríade Fundamental .....	14
3.1.1.1 A formação da sombra .....	14
3.1.1.2 A composição e reconhecimento da sombra .....	18
3.1.2 A parte feminina e masculina .....	21
3.1.2.1 A alma .....	22
3.1.2.2 O masculino .....	24
3.1.3 Persona: a fuga pela capa .....	26
<b>4 A DIVISÃO DA ALMA PELAS HORCRUXES</b> .....	<b>28</b>
4.1 O DIÁRIO DE TOM RIDDLE: A REPRESENTAÇÃO DA PERSONA .....	30
4.2 O ANEL DE MARVOLO GAUNT: O ELO ENTRE O SELF E A SOMBRA .....	32
4.3 O MEDALHÃO E O FEMININO .....	33
4.4 A TAÇA E O MASCULINO .....	34
4.5 O DIADEMA DE ROWENA RAVENCLAW: A DESTRUIÇÃO PELO INCONSCIENTE COLETIVO.....	36
4.6 A SERPENTE E OS INSTINTOS .....	38
4.7 HARRY POTTER: A SÉTIMA E ÚLTIMA HORCRUX .....	39
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>46</b>



## 1. INTRODUÇÃO

As discussões a respeito da alma tem intrigado escritores e filósofos ao longo dos séculos. Aristóteles, por exemplo, concebia a alma como “todo o princípio vital de qualquer organismo, a soma de seus poderes e processos” (DURANT, 1956, p. 87) e apenas mentalmente separável do corpo, ao passo que é o poder da razão e do pensamento do homem. Platão, em seu diálogo *Fédon*, classifica a alma como imortal e indestrutível, preexistente ao corpo, pois anteriormente fruía da liberdade para depois se prender à matéria física, a qual modificava-se e envelhecia (PLATÃO, 1972).

A alma é vista como um mistério em vários campos do conhecimento. Paira em temas que envolvem tanto o pensamento filosófico, religioso e psicológico quanto o científico numa busca perene por uma resposta muitas vezes paradoxal sobre vida e morte. A experiência de dividir a alma requer uma profunda reflexão acerca dessas concepções. Se conotada como essência vital, segregada do corpo e imortal, a divisão poderia suscitar a imortalidade do homem. No mesmo viés, cindir a alma com outros seres objetiva prolongar a existência.

Não somente obras antigas fazem referências às intermitências da alma humana. Este tema pode ser observado também em obras contemporâneas como *Harry Potter and the Deathly Hallows* (2007), livro popular com grande aceitação do público leitor. Conforme uma lista sobre os 100 livros mais vendidos de todos os tempos no Reino Unido (2012), organizada pela agência de pesquisa de informações midiáticas *Nielsen Bookscan*, só no Reino Unido, o livro *Harry Potter and the Deathly Hallows* se encontra como segundo livro mais vendido, ficando apenas atrás da obra *O Código da Vinci* de Dan Brown<sup>1</sup>.

Com a finalidade de analisar a divisão da alma na obra *Harry Potter and the Deathly Hallows* de J.K. Rowling e buscar uma contribuição dentro do tema<sup>2</sup>, o

---

<sup>1</sup> De acordo com a pesquisa, *Harry Potter and the Deathly Hallows* vendeu até 2012 cerca de 4.475.152 exemplares.

<sup>2</sup> Inicialmente, pensou-se em analisar a obra *Northern Lights* (1995) de Philip Pullman em associação com *Harry Potter and the Deathly Hallows*, com o propósito de confrontar divergências e semelhanças entre as representações da alma nas duas obras. No entanto, pela riqueza de dados e informações encontradas na obra de J.K. Rowling, optou-se por focar apenas nela e suprimir a de Philip Pullman ao passo que já havia material suficiente para a realização deste trabalho.

presente trabalho busca examinar as representações da alma, seus significados e como elas afetam o herói no decorrer da narrativa através de uma análise junguiana.

Esse projeto divide-se de modo a, primeiramente, introduzir a teoria de Jung e os principais conceitos que serão abordados no trabalho. Em seguida, apresentar as representações da alma humana e as concepções de divisão em face das diferentes culturas mundiais. Posteriormente, observar onde se insere cada conceito que simboliza a fragmentação da alma e quais suas consequências para a formação da personagem principal, Harry Potter. Finalmente, trabalhar com as divisões da alma específicas que se sucedem na obra, buscando uma completude a fim de atingir a individuação do protagonista.

## 2. O INCONSCIENTE COLETIVO E OS ARQUÉTIPOS

No final do século XIX e início do século XX ocorre a ascensão da Psicanálise, teoria desenvolvida pelo neurologista Sigmund Freud (1856-1939), que tem como objeto de pesquisa o inconsciente humano e seus conflitos. Duas importantes obras de autoria de Freud são publicadas nessa época, *A Interpretação dos Sonhos* (1899) e *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901). Ambas rapidamente ganham popularidade entre médicos de vários lugares, que começam a se interessar pelos casos clínicos relatados nesses livros.

Dentre esses médicos, o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) passa a enviar cópias de seus trabalhos a Sigmund Freud e logo se associa a ele. Durante aproximadamente sete anos, os dois estabelecem uma amizade que se finda quando suas teorias e pensamentos divergem de um modo contundente: Jung não concorda que todos os conflitos psíquicos derivam somente de traumas relacionados à sexualidade e, assim, Freud e Jung tomam caminhos e elaboram teorias diferentes. A partir dessa divergência, Jung desenvolve a chamada Psicologia Analítica.

Carl Jung passa a observar que os sonhos de seus pacientes esquizofrênicos tinham relação com temas mitológicos universais mesmo que eles ignorassem a existência desses mitos. Além disso, os desenhos que seus pacientes faziam apresentavam semelhanças com os símbolos presentes em diferentes culturas. Jung relacionou as imagens presentes nos sonhos e desenhos com os arquétipos, que, segundo ele, são elementos impessoais, universais e hereditários, e elaborou a hipótese da existência de um inconsciente coletivo, conceito que define em sua obra *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. (...) Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*. (JUNG, 2012b, p. 51)

Para compreender melhor o conceito de inconsciente coletivo é preciso entender

a definição de arquétipos. Os arquétipos são formas primordiais, que não se desenvolvem individualmente. São imagens preexistentes formadas na psique e que foram herdadas, logo estão presentes em todo o tempo e em todo o lugar e podem vir a se tornar conscientes. Jung cita como exemplo alguns arquétipos encontrados no campo da mitologia e da religião desde as civilizações antigas e que são encontrados até hoje (JUNG, 2012b).

Alguns conceitos importantes apresentados por Jung na definição da psique são: a *persona*, a *sombra*, o *self*, o *ego* e a *anima*. Este último consiste na estrutura componente da psique que foi herdada e representa a personalidade interna feminina do homem, pois a psique humana é por natureza bissexual. Deste modo, as características do sexo oposto são normalmente expressas inconscientemente. A personalidade interna masculina da mulher é chamada *animus*. A *persona* está voltada para a adaptação ao mundo externo, social. A *sombra* é a parte soturna do nosso próprio inconsciente, são os aspectos de nossa personalidade que procuramos esconder. O *ego* é o centro da consciência. Por fim, o *self* é a totalidade, que engloba a consciência e a inconsciência (JUNG, 2012a).

Os conceitos de arquétipos e inconsciente coletivo de Carl Gustav Jung lançaram as bases para uma nova forma de interpretação da literatura, a abordagem arquetípica e mitológica. A linha teórica que estamos seguindo é a junguiana, além de nos valermos também de pesquisadores pós-junguianos. O objetivo deste trabalho é propor uma análise da representação da alma na obra *Harry Potter and the Deathly Hallows*, de J.K. Rowling, que busque aprofundar a compreensão de como a autora se vale de imagens arquetípicas para tratar do tema.

Nossa análise toma por base os conceitos junguianos de *anima*, *sombra*, *self*, *ego* e *persona*, que coexistem no inconsciente coletivo. Ao final, espera-se que nossa leitura contribua para elucidar o papel dos diversos arquétipos e símbolos que representam, na obra em questão, a alma e suas divisões. O texto de Carl Gustav Jung trata de alguns símbolos de forma tangente, por esse motivo, na fase 4 do trabalho, denominada *A divisão da alma pelas Horcruxes*, iremos complementar a simbologia de cada objeto transformado em Horcrux com definições do dicionário de símbolos de Jean Chevalier.

### 3. A ALMA HUMANA

A representação da alma nas diferentes culturas tem suas peculiaridades e similaridades. Para Chevalier “As concepções etológicas e históricas da alma mostram claramente que ela é, antes de mais nada, um conteúdo relativo ao sujeito, mas também ao mundo dos espíritos, o inconsciente”. Para o povo maia-quiché a alma é representada por um fio ou corda pela qual o ser era puxado até o mundo espiritual, já os índios caçadores do Canadá acreditam que a alma é uma pequena chama que sai pela boca (CHEVALIER, 1989, p.32).

Não obstante, segundo Chevalier (1989) a ideia de um ser humano ter mais de uma alma está presente em muitas culturas. Para os egípcios, a alma era dividida em partes, sendo que uma das partes representava o próprio indivíduo enquanto as outras representavam aspectos de imortalidade. Já os índios da América do Sul acreditavam que o homem poderia ter várias almas com funções e matérias diferentes. De acordo com os povos siberianos, os homens e os animais podem ter uma ou várias almas. Os buriates acreditam possuir três almas: a primeira desce ao inferno, a segunda permanece na terra como espírito perseguidor e a terceira reencarna em outro homem. Entre os povos primitivos da indonésia e norte-asiáticos o ser humano tem até sete almas. Na China, a alma é dividida em duas partes: Kuei e Shen, a primeira assombra e permanece perto do túmulo, a segunda é a parte divina do homem. Para os judeus a alma está dividida em terrestre e celeste, existe o princípio masculino e o feminino que, juntos, formam o sopro ou espírito. Grande parte dos povos turco-mongóis creem na existência de uma alma fora do corpo em forma de um animal.

Certas obras de ficção tratam da divisão da alma, questão complexa e em alguns momentos controversa visto que existem várias representações para o tema - razão pela qual o assunto torna-se preposto entre os literatos. Na Literatura Britânica, a obra de J. K. Rowling com a série *Harry Potter* (1997) aborda esse tema. A divisão da alma é engendrada pelo antagonista da trama, Lord Voldemort, com o propósito de alcançar a imortalidade e resulta em sete divisões chamadas de Horcruxes. Cada Horcrux é um objeto em que uma parte de sua alma fica escondida.

No último livro da coleção, *Harry Potter and the Deathly Hallows* (2007), essas divisões serão desvendadas por Harry, Rony e Hermione, e no decorrer da narrativa, eles tentarão destruí-las a fim de tornar o Lorde das Trevas novamente mortal e poderem combatê-lo e destruí-lo.

### 3.1 A *DRAMATIS PERSONAE* DA PSIQUE EM HARRY POTTER

Na obra *A natureza da psique*, de Jung, no capítulo denominado “A estrutura da alma” o autor confirma a complexidade da alma humana, que ultrapassa os limites da consciência:

Como reflexo do mundo e do homem, a alma é de tal complexidade que pode ser observada e analisada a partir de um sem-número de ângulos. Com a psique acontece justa-mente o mesmo que acontece com o mundo: porque uma sistemática do mundo está fora do alcance humano, temos de nos contentar com simples normas artesanais e aspectos de interesse particular. (JUNG, 2011, p.83)

*Psyche*, do grego, significa alma<sup>3</sup>. O inconsciente coletivo e os arquétipos estão diretamente ligados à psique, que engloba tanto os aspectos racionais quanto os instintivos. Conectados ao instinto, os arquétipos são imagens que “dão a sensação de serem numinosas, mágicas, fascinantes, daimônicas, divinas. Parecem ter uma origem transcendente, autônoma, que ultrapassa a consciência individual, que vai além de nós.” (DOWNING, 1994, p. 13).

Do ponto de vista da Psicologia Analítica, a alma se encontra em um estado psicológico que excede a consciência. Jung utiliza o conceito de inconsciente coletivo para explicar as forças instintivas relativas à alma que estão presentes na estrutura de todo ser humano. Essas figuras produzidas pelo inconsciente demonstram obedecer um padrão. Jung observou que as pessoas produzem imagens repetidas que assumem uma tendência reguladora e, gradualmente, edificam uma personalidade mais madura e consciente (FRANZ, 2008).

A expressão *dramatis personae* representa a lista dos personagens que irão atuar em

---

<sup>3</sup> A alma ou espírito distinguido do corpo. No original: “The soul or spirit distinguished from the body [Lat. < Gk. *psukhē* , soul]” (MORRIS, 1976, p. 999).

uma peça teatral. Tomando-a para o campo psicológico, infere-se que na dramatização do processo de composição da psique também existam personagens principais usados coletivamente como se fossem um grupo de pessoas em interação (DOWNING, 1998).

Esses personagens referentes à psique são imagens personificadas que o inconsciente mostra para o consciente num processo ativo e complementar. Quando reconhecidos, deles surgem representações palpáveis que dialogam entre si tornando possível reconhecer e atribuir uma forma para a nossa personalidade. Os papéis do elenco que compõem a *dramatis personae* do presente trabalho são o *ego*, a *sombra*, o *self*, a *anima*, o *animus* e a *persona*.

### 3.1.1 A Tríade Fundamental

Os três papéis primordiais do elenco da trama se concentram nos fatores conscientes e inconscientes oriundos do protagonista. Harry Potter está em uma fase de transição da infância para a juventude, em que um estado gradativamente consciente do mundo ao seu redor e de si mesmo desperta. O papel inconsciente cabe à sombra, que na história é representada pelo antagonista da obra Tom Riddle, mais tarde conhecido por Lorde Voldemort e representa os aspectos e qualidades pouco conhecidos pelo papel consciente, que é Harry Potter, o *ego*. Na figura do diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, Alvo Dumbledore, vemos a representação do *self*, que irá atuar como o mediador entre o *ego* e a sombra, e deste modo, é a totalidade que abrange esses dois elementos.

#### 3.1.1.1 A formação da sombra

Harry Potter entra em contato com Voldemort, sua imagem arquetípica da sombra, pela primeira vez na infância. Nessa época, o menino ainda não tem consciência dos aspectos inconscientes que irão se manifestar ao longo de sua vida. Voldemort, a representação de sua própria sombra, mata seus pais e ainda tenta matar o *ego*. No entanto, matar o *ego* é impossível, uma vez que é parte integral de todo ser humano.

É importante ressaltar que a imagem arquetípica, ainda que pertencente ao inconsciente coletivo, é constituída individualmente: “Jung... reconhece que aquilo que ocorre na consciência individual são sempre imagens arquetípicas – manifestações concretas e particulares que sofrem a influência de fatores socioculturais e individuais” (DOWNING, 1998, p. 10).

O resultado deste encontro violento foi uma cicatriz em forma de raio. “Era esta cicatriz que tornava Harry tão diferente, mesmo para um bruxo. A cicatriz era o único vestígio do seu passado muito misterioso, da razão por que fora deixado no batente dos Dursley, onze anos antes.” (ROWLING, 2000b, p.11). O raio, por sua vez, está ligado à iluminação, o momento ténue em que se tem a primeira consciência, ou se não, ao menos um primeiro vislumbre da outra parte de si mesmo. Não a toa, a cicatriz dói sempre que Harry sente a presença de Voldemort. Afinal, os dois são representações arquetípicas do mesmo aspecto de uma pessoa e agora pela cicatriz, estão visivelmente e simbolicamente interligados constituindo então duas partes da psique: o ego e a sombra.

Quando Harry completa 11 anos, o garoto se depara novamente com a representação de sua sombra - Lorde Voldemort - logo no primeiro ano na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts: “Harry poderia ter gritado, mas não conseguiu produzir nem um som. Onde deveria estar a parte de trás da cabeça de Quirrell, havia um rosto, o rosto mais horrível que Harry já vira. Era branco-giz com intensos olhos vermelhos e fendas no lugar das narinas, como uma cobra.” (ROWLING, 2000a, p. 250). Sem reação, o ego, nesse contato com o diferente, presencia uma imagem horripilante e monstruosa.

Voldemort é, no início, uma representação do arquétipo da sombra como fruto do inconsciente coletivo porque mesmo invisível, sua imagem e presença eram sentidas como uma influência ruim que deve ser evitada. Sua imagem se constrói a partir do fato de que ele era um bruxo que estava tomando o poder e conquistava “alguns por medo, outros porque queriam ter um pouco do poder dele [...] ninguém sabia em quem confiar, ninguém se atrevia a ficar amigo de bruxos desconhecidos... Coisas horríveis aconteciam” (ROWLING, 2000a, p.52). Tudo o que de horrível acontece na sociedade é temido pelo fato de que todo o ser humano tem dentro de si



sentimentos bons e ruins. Para Jung, ao se deparar com cenas contrárias ao que a cultura judaico-cristã prega, o indivíduo se vê frente a uma disputa entre sua racionalidade e seus instintos. Assim, tenta esconder seus sentimentos de índole instintiva como matar, por exemplo, para viver em sociedade de forma racional e consciente. Logo, a reação a essas imagens se dá de forma inconsciente através de projeções individuais e coletivas (JUNG, 1966).

A princípio, Voldemort não possui uma forma definida e por ser considerado negativo, é renegado pela grande maioria, que não ousa nem dizer o seu nome. Jung define a sombra como “um componente inferior da personalidade e, conseqüentemente, reprimido por uma intensa resistência.”<sup>4</sup> (JUNG, 1966, p. 53). Se faz de suma importância ressaltar aqui que a sombra não se limita a uma interpretação de uma projeção de acarretamento exclusivamente negativo, uma vez que à ela é relegado ou reprimido tudo aquilo que por imposição social ou qualquer conflito com o ambiente externo e interno se faz contrário ao esperado, de modo que para a sombra podem ser mandados elementos positivos se fundados em princípios opostos de bem e de mal.

A sombra é negativa apenas a partir do ponto de vista da consciência; ela não é – como insistia Freud – totalmente imoral e incompatível com a nossa personalidade inconsciente. Pelo contrário, ela contém em potencial valores da mais elevada moralidade. (ABRAMS; ZWEIG, 2004, págs. 27 e 28)

No entanto, é visível que, de fato, Voldemort enquanto representação coletiva na história tem em si uma carga negativa, que é projetada no medo que os bruxos possuem dele. Ele é um bruxo tão terrível que seu próprio nome nunca é dito pelos outros, sendo preferível a utilização de expressões como *aquele-que-não-deve-ser-nomeado* ou *você-sabe-quem*.

Todavia, ainda que haja esse consenso universal entre os bruxos em relação ao nome de Voldemort, Dumbledore, diretor de Hogwarts e mentor de Harry Potter, nunca viu motivos para utilização de tal nomenclatura e isso fica bem claro em uma conversa com a professora Minerva McGonagall.

---

<sup>4</sup> No original: “the shadow is an inferior component of the personality and is consequently repressed through intensive resistance”.

— Não, obrigada — disse a Professora Minerva com frieza, como se não achasse que o momento pedia sorvetes de limão. — Mesmo que Você-Sabe- Quem tenha ido embora.

— Minha cara professora, com certeza uma pessoa sensata como a senhora pode chamá-lo pelo nome. Toda essa bobagem de Você-Sabe-Quem há onze anos venho tentando convencer as pessoas a chamá-lo pelo nome que recebeu: Voldemort — A professora franziu a cara, mas Dumbledore, que estava separando dois sorvetes de limão, pareceu não reparar — Tudo fica tão confuso quando todos não param de dizer "Você-Sabe-Quem". Nunca vi nenhuma razão para ter medo de dizer o nome de Voldemort.

— Sei que não vê — disse a professora parecendo meio exasperada, meio admirada. Mas você é diferente.. Todo o mundo sabe é o único de quem Você-Sabe... Ah está bem, de quem Voldemort tem medo.

— Isto é um elogio — disse Dumbledore calmamente. — Voldemort tinha poderes que nunca tive. (ROWLING, 2000a, p. 15)

Convém ressaltar que a sombra nada mais é do que o self rejeitado. Dumbledore é o mediador entre Harry e Voldemort, ao passo que é ele quem sabe tudo a respeito dos dois e descobre o segredo daquele que representa a sombra. De acordo com Franz (2008, p. 213) “ o *self* pode ser definido como um fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente...” e é esse “Grande Homem que mora em nosso coração...” que pode nos guiar no caminho do crescimento pessoal. Todavia, o quanto vamos evoluir, “depende do desejo do ego de ouvir ou não as suas mensagens...” e “ de entregar-se, sem qualquer outro propósito ou objetivo, ao impulso interior de crescimento” (FRANZ, 2008, p. 214). Portanto o personagem que representa o self na história é visto em Dumbledore, que é o princípio unificador e a unidade da personalidade como um todo. Assim, Harry Potter, Voldemort e Dumbledore, formam uma tríade de representação de aspectos de um único indivíduo.

Pela primeira vez desde que Harry conheceu Dumbledore, ele pareceu menos que um homem idoso, muito menos. Pareceu, por um momento fugaz, um garoto apanhado em uma travessura.

— Será que pode me perdoar? Será que pode me perdoar por não ter confiado em você? Por não ter lhe dito? Harry, eu só receei que você fracassasse como eu. Só temi que repetisse os meus erros. Imploro o seu perdão, Harry. Já faz algum tempo que eu sei que você é um homem melhor do que eu.

— Do que você está falando? - perguntou o garoto, assustado com o tom de Dumbledore, com as lágrimas repentinas em seus olhos.

— As Relíquias, as Relíquias - murmurou Dumbledore. - O sonho de um homem desesperado!

— Mas elas são reais!

— Reais e perigosas, além de uma sedução para os tolos. E eu próprio fui um tolo. Mas você sabe disso, não é? Não tenho mais segredos para você. Você sabe.

— Que é que eu sei?

Dumbledore virou-se de frente para Harry e as lágrimas ainda cintilavam em seus olhos muito azuis.

— Senhor da Morte, Harry, senhor da Morte! Em última análise, terei sido melhor que Voldemort? (ROWLING, 2007, p. 518 - 519).

O excerto corrobora a representação da tríade ego-self-sombra a partir da confissão de Alvo Dumbledore sobre quais eram os seus anseios interiores. A última frase esclarece que o diretor - o self - tinha as mesmas ambições que as de Lorde Voldemort - a imagem da sombra. Além disso, de acordo com a visão de Harry, Dumbledore pareceu menos idoso e mais com um garoto, ou seja, Harry finalmente pôde enxergar sua própria imagem projetada no diretor.

Dumbledore enquanto self, portanto aspecto inconsciente, traz a tona um aspecto da personalidade de Harry: a ganância ou desejo de poder, que em algum momento foi considerado negativo pelos pais. Uma vez que o ego percebeu que essas não são características consideradas positivas, elas foram transferidas do self para a sombra, dando então voz a Voldemort. Não é a toa que Dumbledore não tem medo de Voldemort, uma vez que foi o responsável pela criação dessa representação. Essa responsabilidade do self fica bem clara, quando Harry Potter morre no sétimo livro e encara pela primeira vez Dumbledore em uma forma parecida consigo mesmo, ao invés do ancião de sempre, um garoto como ele.

### 3.1.1.2 A composição e reconhecimento da sombra

Segundo William A. Miller (2008, p.60-61), existem algumas maneiras de observarmos a composição de nossa sombra. Elas podem se dar pela opinião dos outros; descobrindo o conteúdo de nossas projeções; ao examinarmos nossos lapsos verbais e de comportamento; analisando nosso senso de humor e estudando nossos sonhos, devaneios e fantasias. No decorrer da série, é possível observar quais características Harry rejeita e projeta nos outros. As pessoas e atitudes que ele despreza são reflexos do que o seu consciente procura esconder.

“O método mais simples consiste em listar todas as qualidades que não apreciamos nos outros; por exemplo, vaidade, irritabilidade, egoísmo, maus modos, ambição, etc. Quando a lista estiver completa, destacamos as características que não só nos desagradam nos outros mas também odiamos, detestamos e desprezamos. Essa segunda lista será uma imagem razoavelmente exata da nossa sombra pessoal.” (MILLER, 2008, p.62)

Tanto em sua vida como trouxa quanto como bruxo, o garoto apresenta uma grande irritação por alguns personagens. Seu primo, Duda Dursley, era um garoto gordo, mimado e violento. Harry usava as roupas antigas de Duda e tudo que ele não queria mais: “Duda teve um acesso de raiva porque seu sorvetão não era bastante grande, tio Válter comprou-lhe outro e deixou Harry terminar o primeiro.” (ROWLING, 2000a, p.27). O primo de Harry também vandaliza praças e faz coisas escondidas dos pais. O fato que Harry mais repudia é que Duda sempre consegue o que quer e é extremamente mimado.

Existem duas personagens que Harry não somente despreza como odeia “— Odeio os dois — disse Harry. — Draco e Snape.” (ROWLING, 2000a, p.171). Garoto da mesma idade de Harry, “Draco Malfoy fazia Duda Dursley parecer um menino bom, atencioso e sensível.” (ROWLING, 2000b, p.31), era mimado, arrogante, mesquinho, cruel, egoísta, covarde, intolerante e de família aliada ao Lorde das Trevas. Voldemort tem por convicção que os trouxas não podem se tornar bruxos e a comunidade bruxa deve ter o sangue-puro. Essa é sua opinião arraigada, a intolerância entre raças. Harry não suporta o fato de que Malfoy fica se mostrando para os outros: “ele podia até imaginar Malfoy se pavoneando por uma grande casa senhorial.”(ROWLING, 2000b, p.31) e que vangloria-se por ser de uma família de bruxos sangue-puro.

Já “Severo Snape era o professor de que Harry menos gostava. Por acaso Harry era o aluno de quem Snape menos gostava também. Cruel, irônico e detestado por todo mundo, exceto pelos alunos de sua própria (Sonserina), Snape ensinava Poções.” (ROWLING, 2000b, p.71). Snape nunca demonstrara algum tipo de alegria, sempre tinha um semblante mal-humorado e sério. O que lhe dava algum prazer era quando podia constranger e humilhar Harry. “— Se me permite falar, diretor — disse Snape de seu lugar nas sombras, e Harry sentiu seus maus pressentimentos aumentarem; tinha certeza de que nada que Snape tivesse a dizer iria beneficiá-lo.” (ROWLING, 2000b,

p.125).

Essas características rejeitadas observadas no outro geram conflitos e fortes emoções no indivíduo. Tudo aquilo que Harry condena nesses três inimigos são as dimensões indesejáveis dele mesmo. No entanto, a projeção mais intensa que atormenta Harry é a de Lord Voldemort, pois além das características indesejáveis Harry descobre que tem certas semelhanças com o bruxo das trevas mais temido e poderoso de todos os tempos, ou seja, inicia-se um processo de assimilação da sombra à consciência.

— Prof. Dumbledore, Riddle disse que eu sou igual a ele. “Uma estranha semelhança”, foi o que ele me disse...

— Foi, mesmo? — disse olhando pensativo para o garoto por baixo das grossas sobrancelhas prateadas. — E o que é que você acha, Harry?

— Acho que não sou igual a ele! - exclamou ele, mais alto do que pretendia. — Quero dizer, pertenço...pertenço à Grifnória, sou... Mas se calou, uma dúvida furtiva surgia em sua mente.[...]

— Você fala a língua das cobras Harry — disse Dumbledore, calmamente —, porque Lord Voldemort, que é o último descendente de Salazar Slytherin, sabe falar a língua das cobras. A não ser que eu muito me engane, ele transferiu alguns dos seus poderes para você na noite em que fez essa cicatriz. (ROWLING, 2000b, p.279)

As principais características da personalidade de Lord Voldemort são que ele não demonstra nenhum tipo de remorso e não sabe perdoar os outros. É extremamente exigente, intolerante e xenofóbico. Mesmo numa forma espectral, sua ambição é perceptível: “O bruxo poderia ser um destroço do que fora, mas ainda inspirava terror, ainda era astuto, ainda estava decidido a retomar o poder [...] Harry continuava a acordar a noite, encharcado de suor frio, imaginando onde estaria Voldemort, lembrando-se do seu rosto lívido, dos seus olhos arregalados [...]” (ROWLING, 2000b, p.15).

A sombra se modifica até o ponto em que ela é reconhecida pelo ego e mantém a forma consistente de um corpo humano. Quando Harry descobre a existência de Lord Voldemort pela primeira vez, Voldemort ainda é um ser espectral, desprovido de um corpo. Fica vagando e precisa se alimentar de outras criaturas para sobreviver ou possuir corpos de outras pessoas. Esse fato implica que as características que Harry Potter quer suprimir estejam escondidas no meio social, nas projeções que ele faz nos outros. Durante o desenvolvimento de Harry esse arquétipo vai se fortificando e,

quando o garoto completa 14 anos, a sombra passa por uma importante transformação:

Era como se Rabicho tivesse virado uma pedra e deixado à mostra algo feio, pegajoso e cego — mas pior, cem vezes pior. A coisa que Rabicho andara carregando tinha a forma de uma criança humana encolhida, só que Harry nunca vira nada que se parecesse menos com uma criança. Era pelada, de aparência escamosa, de uma cor preta avermelhada e crua. (ROWLING, 2001, p.509)

Nesse excerto notam-se as características da sombra como um ser repugnante e oposto ao ego. Harry a encontra cara a cara e sente aversão a seu aspecto, desejando que aquilo não seja real. Após a transformação da sombra por meio de um ritual de magia negra em que cria um corpo próprio, ela vai adquirindo uma forma mais madura e adulta, proporcionando o reconhecimento da parte de si mesmo que o garoto não quer aceitar: “O homem magro saiu do caldeirão, com o olhar fixo em Harry... e o garoto mirou aquele rosto que assombrava seus pesadelos havia três anos. Mais branco do que um crânio, com olhos grandes e vermelhos, um nariz chato como o das cobras e fendas no lugar das narinas...” (ROWLING, 2001, p. 511). Quanto maior é a consciência em relação a Voldemort enquanto um aspecto negativo, mais este “vilão” vai obtendo uma forma semelhante a de um corpo humano, embora conserve sempre fendas de cobra no lugar do nariz, uma característica animal.

### 3.1.2 A parte feminina e masculina

Se por um lado os aspectos referentes à sombra são facilmente assimilados, talvez não em um primeiro momento por nós, mas por aqueles que nos rodeiam, os aspectos referentes aos componentes femininos e masculinos fogem consideravelmente do nosso entendimento. Um dos fatores que colaboram com esse processo de dificuldade do conhecimento do feminino e do masculino é a projeção que fazemos nos outros. Isso porque “o elemento contrassexual dentro de nós é psicologicamente tão esquivo que escapa à nossa percepção completa; por isso é sempre projetado...” (STANFORD, 2013, p. 19).

A mitologia e as tradições antigas sempre foram bons exemplos de como esses

elementos sexuais ocupam o mesmo espaço em um mesmo referente. O mito de Hermafrodito, proveniente da união entre Hermes e Afrodite é justamente a explicação do componente andrógono que carregamos em cada um nós. Jung (2012a, p. 102) denominou “o aspecto masculino na mulher *Animus*, e o aspecto feminino no homem, *Anima*”. Eles surgem como reminiscência da primeira relação estabelecida pela criança: a relação com os pais e estão sujeitos a assumir em si mesmos tanto aspectos positivos quanto negativos.

Para que um homem possa estabelecer uma relação saudável com o sexo oposto, cabe a ele projetar sua imagem de *anima* positiva sobre a mulher e vice versa, de modo que ela irá projetar sua imagem positiva de *animus* sobre ele. Assim, se estabelece “um relacionamento a nível consciente entre as personalidades de ego do homem e da mulher” (STANFORD, 2013, p. 27). Assim também se percebe uma “forte atração... resultado entre as imagens projetadas de *anima* e *animus* positivos [sob os egos opostos]... [e por fim], o fator mais poderoso de todos... a atração verificada através do inconsciente” entre o *animus* e *animas* (STANFORD, 2013, p. 27). Portanto, convém salientar como a união desses dois componentes se faz necessária para que o ser humano possa atingir o equilíbrio regulador gerado pela relação desses dois opostos complementares. E será no papel de Ronald Weasley e Hermione Granger, os dois grandes amigos de Harry, escolhidos por ele, que esses elementos terão suas manifestações na história.

### 3.1.2.1 A anima

“Nenhum homem é inteiramente masculino que não possui nada feminino em si”<sup>5</sup> (JUNG, 1966, p. 189). Ou seja, todo homem carrega em si seu componente feminino. De acordo com Marie-Louise von Franz (2008, p. 234-235) a anima é “a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem”. São exemplos desse elemento: “os humores e tendências instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e o relacionamento com o inconsciente”. Segundo Jung (1966, 188), a anima

---

<sup>5</sup> No original: “No man is so entirely masculine that he has nothing feminine in him.”

“assume posição como a maior influência ambiente imediata na vida do homem adulto”.

Ela se torna sua companhia, ela tanto pertence a ele como divide a vida com ele e tem mais ou menos a mesma idade. Ela não é de uma ordem superior, nem por virtude, idade ou força física. Ela pode ser sua inspiração, sua capacidade intuitiva, muitas vezes superior ao do homem, pode dar a ele advertência de tempo, e seus sentimentos, sempre direcionados para o pessoal, podem mostrar a ele caminhos no qual seu sentimento ascendente menos pessoal nunca iria descobrir. (JUNG, 1966, p. 188)<sup>6</sup>

Portanto, é visível que a *anima* não age apenas como complemento ao masculino, mas também como agente auxiliar no caminho individual. Tendo em vista essas características e sabendo que na história a personagem Harry Potter está servindo como representação do ego do indivíduo, percebe-se que a representação da *anima* enquanto componente feminino deve subjazer em um indivíduo exterior. Neste caso, a representação em questão é suprida por Ronald Weasley, melhor amigo de Harry. A princípio isso pode parecer estranho, visto que Ronald assume em si o corpo físico masculino, no entanto, se pensarmos que a *anima* só pode existir como contra-componente masculino, faz sentido que se manifeste em Rony. Na medida em que se verifica sua personalidade durante o enredo observa-se nele os componentes femininos.

Rony Weasley, menino magro e desengonçado da mesma idade de Harry, demonstra certas características femininas. Rony tem pouca autoconfiança, perde a paciência fácil e sempre defende aqueles que ama. É visivelmente sensível, se irritando com facilidade com comentários até mesmo daqueles que fazem parte do seu círculo social. O menino se mostra inseguro e, principalmente, medroso.

Ele olhou por cima do ombro. Rony estava parado bem longe e parecia lutar contra o impulso de correr.

— Que aconteceu?— perguntou Harry.

— Eu... Não... Gosto... De aranhas — disse Rony muito tenso.

— Eu nunca soube disso — comentou Mione, olhando para Rony surpresa. — Você usou aranhas na aula de Poções um monte de vezes...

---

<sup>6</sup> No original: “She becomes his companion, she belongs to him in so far as she shares his life and is more or less of the same age. She is not of a superior order, either by virtue of age, authority, or physical strength. She can be his inspiration; her intuitive capacity, often superior to man’s, can give him timely warning, and her feeling, always directed towards the personal, can show him ways which his own less personally accented feeling would never have discovered.”



— Não me importo quando estão mortas — explicou Rony, que tomava o cuidado de olhar para todo lado menos para a janela. — Não gosto do jeito como elas andam...

Hermione riu.

— Não tem graça — disse Rony, furioso. — Se precisa mesmo saber, quando eu tinha três anos, Fred transformou o meu... Meu ursinho numa enorme aranha nojenta porque eu quebrei a vassoura de brinquedo dele... Você também detestaria aranhas se estivesse segurando um urso e de repente ele ganhasse um monte de pernas e... (ROWLING, 2000b, p.135)

Esse medo tão característico dessa personagem, faz com que, em muitos momentos, Rony seja menos curioso quanto a aventuras desconhecidas ou perigosas. Mesmo que faça parte delas, é muitas vezes necessário que tenha perto de si outras pessoas que o auxiliem, seja invadindo a câmara secreta ou até mesmo roubando um carro voador para salvar Harry. Assim como os amigos, possui uma boa relação com aquele que representa o self. E uma vez que a anima transmite mensagens vitais do self, fica claro que Dumbledore faz gosto desta amizade duradoura. Não obstante, após a morte do velho feiticeiro, a anima no papel de Rony Weasley recebe como herança o desiluminador, um equipamento capaz de tirar e colocar luz e de achar outras pessoas a fim de ajudar os três amigos na jornada em busca das Horcruxes.

### 3.1.2.2 O masculino

Primeiramente se faz prudente realçar o fato de que Harry Potter enquanto representação do ego possui um corpo masculino. Ao admitir Rony Weasley como componente feminino da *anima*, percebe-se que existe uma relação plausível entre as representações. Porém, já que se verificou que a *anima* opera como parte de Harry, é necessário que exista um contra-componente masculino. Neste caso, teremos essa representação na figura de Hermione Granger. Observa-se no entanto, que não se busca dizer aqui nesse trabalho que ela é a representação do *animus*, uma vez que Harry é figurado como um homem, e que, portanto, a menina é a representação do componente masculino, que por sua vez estabelece relação direta com a *anima*.

De qualquer forma, para entender melhor quais são as características desse elemento, se faz imprescindível verificar quais são elas de acordo com o *animus* enquanto representação masculina já que os dois juntos formam um todo. Segundo

Marie-Louise von Franz, a partir do momento em que a pessoa se der conta do elemento masculino e de sua influência, “o *animus* pode tornar-se um companheiro interior preciso que vai contemplá-la com uma série de qualidades masculinas como a iniciativa, a coragem, a objetividade e a sabedoria espiritual” (FRANZ, 2008, p. 255). No entanto, enquanto representação negativa contempla: “a brutalidade, a indiferença, a tendência à conversa vazia, às ideias silenciosas, obstinadas e más” (ibid., p. 258).

Não por acaso, vemos em Hermione Granger características muitas vezes contrárias a Ronald Weasley. Ela, que também tem a mesma idade de Harry, é retratada como a melhor aluna, auto confiante, estudiosa, inteligente, a própria racionalidade em pessoa. Não obstante, sua coragem é ainda maior que sua inteligência. “— É melhor levarmos o Rony para a casa de Hagrid, é mais perto — disse Harry a Mione, que concordou cheia de coragem, e os dois levantaram o amigo pelos braços.” (ROWLING, 2000b, p. 100). Por isso, foi selecionada para a casa da Grifinória pelo chapéu seletor ao invés da casa Corvinal onde iam os mais inteligentes. E quando precisa mostrar força, está sempre pronta, mesmo que tenha que bater em Draco Malfoy quando ele se torna o responsável pela morte de bicuço. “- Mione, não sei o que deu em você ultimamente! - exclamou Rony, espantado. - Primeiro você mete a mão em Draco Malfoy, depois abandona o curso da Prof<sup>a</sup>. Sibila... A garota fez cara de quem recebera um elogio” (ROWLING, 2000c, p. 237).

Para se tornar amiga de Harry e Rony, ela assume inteiramente a culpa pelo incidente com o Trasgo Montanhês, no banheiro feminino, para protegê-los de ganhar uma detenção por estarem bisbilhotando em zonas proibidas do colégio. É nesse momento que ela prova seu valor nesse relacionamento e passa a viver as mesmas aventuras, sempre mostrando coragem em contra partida a Rony. No entanto, fica claro que também demonstra prudência. O que não pode se deixar de levar em conta é o fato de tanto Hermione quanto Rony enquanto representações do masculino e do feminino, respectivamente, assumirem em grande maioria qualidades consideradas positivas na visão de Harry e por isso conquistam o direito de fazer parte de seu meio.

### 3.1.3 Persona: a fuga pela capa

Harry, em seu primeiro ano na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, é presenteado com uma capa da invisibilidade. Esse objeto, capaz de esconder seu usuário por completo, deixando quem o usa invisível, é uma das relíquias da morte exemplificadas no livro herdado por Hermione, após a morte de Dumbledore. Não obstante, estava sob posse de Tiago Potter, pai de Harry, e foi emprestado à Dumbledore um pouco antes da morte dos pais do protagonista.

Harry apanhou o pano brilhoso e prateado do chão. Tinha uma textura estranha, parecia tecida com fios de água.

— É uma capa da invisibilidade — disse Rony, com uma expressão de assombro no rosto. — Tenho certeza de que é. Experimente.

Harry jogou a capa em volta dos ombros e Rony deu um berro.

— É, Sim! Olhe para baixo!

Harry olhou para os pés, mas eles tinham desaparecido. Correu então para o espelho. Não deu outra, o espelho refletiu sua imagem, só a cabeça suspensa no ar, o corpo completamente invisível. Ele cobriu a cabeça e a imagem desapareceu completamente. (ROWLING, 2000a, p.174)

Com a posse da capa, o garoto a utiliza para entrar na seção de livros proibidos da biblioteca, para escutar conversas alheias e poder andar pelo castelo após o horário de se recolher. Harry usa a capa sozinho e, algumas vezes, com os seus amigos Rony e Hermione. O ato de vestir a capa e tornar-se invisível implica em esconder-se perante a sociedade. A palavra *persona* significa máscara em latim<sup>7</sup>. Logo, o termo junguiano representa a máscara que a pessoa põe para se mostrar ao mundo. Esse elemento nada mais é do que o meio para facilitar as relações sociais de acordo com as exigências externas feitas ao indivíduo. “Na infância nossos papéis são determinados pelas expectativas paternas” (WHITMONT, 1994, p. 31), ao passar dos anos o ser vai criando barreiras representacionais, com as quais se protege e revela uma aparência apropriada às expectativas e padrões sociais.

<sup>7</sup> Um personagem em uma peça dramática ou trabalho literário. <Lat. Persona, prob.< Etruscan phersy, máscara]. No original: A character in a dramatic or literary work. <Lat. Persona, prob.< Etruscan phersy, mask]. (MORRIS, 1976, p. 925)

Fundamentalmente a persona não é nada real: ela é um compromisso entre indivíduo e sociedade, é como o homem deve parecer. Ele assume um nome, ganha um título, exerce uma função, ele é isso ou aquilo. De um certo modo tudo isso é real, ainda em relação a individualidade essencial da pessoa em questão isso é apenas uma realidade secundária, uma formação secundária [...] A persona é um semblante, uma realidade de duas dimensões<sup>8</sup>... (JUNG, 1966, p. 158)

Como já dito anteriormente Voldemort opera enquanto representação do arquétipo da sombra de Harry. Se faz imprescindível, no entanto, que se leve em conta a outra face desse arquétipo antes de assumir essa forma, a face da persona. Isso porque antes de vestir a máscara de Lorde das Trevas, ele atendia pelo nome de Tom Riddle, quando era um adolescente que se destacava pela sua beleza e inteligência, “muito corajoso, monitor, aluno modelo...” (ROWLING, 2000b, p.262). Ou seja, essa era a máscara que utilizava anteriormente. Assim como Harry, Voldemort possuía um objeto para ser invisível, ou ao menos, para se sentir invisível: o diário. É nele que Voldemort pode mostrar seus verdadeiros anseios e desejos mais íntimos. “Que sorte que registrei minhas memórias em algo mais durável que a tinta. Mas sempre soube que haveria gente que não ia querer que esse diário fosse lido [...] Quero dizer que este diário guarda memórias de coisas terríveis” (ROWLING, 2000b, p. 205).

Fica claro então que Harry, mesmo sem seu papel de ego também age como representação da persona. A capacidade de tirar essa máscara periodicamente com o auxílio da capa demonstra justamente a capacidade de adaptação tão necessária ao ser humano para a vida em sociedade. A outra face da persona, vista em Voldemort, também mostra que existe um outro modo da máscara ser retirada em determinados momentos. Tanto uma quanto a outra são representações de características positivas. Porém, a partir do momento em que Tom Riddle se descuida e deixa a máscara cair, sendo descoberto pela morte da Murta-Que-Geme e por isso teria que ser expulso da escola, sua persona perde poder. Mas uma vez que “Riddle, [sempre foi] silencioso como uma sombra” (ROWLING, 2000b, p. 209), assumir a máscara da sombra não foi um ato difícil.

---

<sup>8</sup>No original: Fundamentally the persona is nothing real: it is a compromise between individual and society as to what a man should appear to be. He takes a name, earns a title, exercises a function, he is this or that. In a certain sense all this is real, yet in relation to the essential individuality of the person concerned it is only a secondary reality, a compromise formation[...] The persona is a semblance, a two-dimensional reality...

#### 4 A DIVISÃO DA ALMA PELAS HORCRUXES

Na série Harry Potter, a personagem antagonista, Lorde Voldemort, busca a imortalidade. Quando jovem estudante de Hogwarts e atendendo pelo nome de Tom Riddle, descobre a existência das Horcrux<sup>9</sup>, objeto no qual um bruxo pode esconder uma parte de sua alma e que, por conseguinte, impede a morte de quem a executou, pois um fragmento dela passa a habitar esse material externo. E essa parte, por sua vez, não pode mais ser devolvida ao corpo do qual saiu originalmente. Pode-se fazer uma relação da busca pelas Horcruxes com a charada do nome Tom Servolo Riddle, que forma um anagrama para “Eis Lord Voldemort”. Riddle, proveniente da língua inglesa, denota charada e seu significado está intimamente ligado ao processo de criação das Horcruxes. Deste modo, cada uma delas opera como uma espécie de enigma que deve ser desvendado para se entender seu verdadeiro sentido.

Para fazer uma Horcrux é preciso rasgar a própria alma. Para tanto, deve-se realizar um ato supremo de maldade: o assassinato. Após saber disso, Voldemort não pretende fazer apenas uma, mas sete Horcruxes. Ele divide sua alma em seis objetos, sendo a sétima parte seu próprio corpo. “São seis. A sétima parte da alma, por mais desfigurada que esteja, habita o seu corpo regenerado. Foi a parte dele que viveu uma existência espectral por tantos anos durante seu exílio; sem essa, ele não possui eu algum.” (ROWLING, 2005b, p. 364).

Voldemort sempre foi ambicioso e queria ser o bruxo das trevas mais temido de seu tempo. Se julgava superior aos outros e, portanto, escolheu objetos de grande valor para serem transformados em Horcruxes. Esses objetos, quando unidos, o completam, pois cada um representa algo importante em sua vida.

- Você está pensando em Chaves de Portal, Harry, que devem ser objetos comuns, que não chamem atenção. Mas Lorde Voldemort usaria latas ou velhos frascos de poção para guardar sua preciosa alma? Você está esquecendo do que lhe mostrei. Lorde Voldemort gostava de colecionar troféus, e preferia objetos com uma convincente história mágica. Seu orgulho, sua crença na própria superioridade, sua determinação de abrir para si um lugar surpreendente na história da

---

<sup>9</sup> Termo cunhado por J. K. Rowling.

magia; tudo isto me sugere que Voldemort escolheria suas Horcruxes com algum cuidado, favorecendo objetos que merecessem tal honra. (ROWLING, 2005b, p. 365)

Em sua grande maioria, são objetos tidos pelos antigos como sagrados: como a taça, o medalhão, o diadema e a cobra. Assim como também são íntimos: como o diário, o anel e o indivíduo, neste caso Harry. Cada objeto escolhido tem um significado essencial para a composição da psique. São as funções negativas de cada uma dessas partes que compõem a alma humana: a persona, o ego, o self, a sombra, a anima, o animus (aqui nesse trabalho visto pelo lado masculino) e os inconscientes (pessoal e coletivo).

A destruição de uma Horcrux é bastante difícil de ser realizada. Existem poucos objetos mágicos capazes de fazê-lo. Deve ser uma magia muito poderosa ou algo que seja muito difícil de se recuperar. Um exemplo usado no livro é o veneno de basilisco, que só pode ser curado pelas lágrimas da fênix. Outra forma de destruição é se o bruxo que a produziu sentir remorso pelo que fez. Visto que Voldemort não tem intenção de se arrepender pelas suas ações, não se pode esperar que ele realize esse ato, justamente porque é na divisão da alma que ele encontrou modos para se perpetuar e tornar-se de alguma forma imortal. Afinal, desta forma se mantém presente em todos os pedaços da psique.

Assim, a destruição desses objetos que contém as partes da alma cabe ao protagonista e aqueles que de algum modo fazem parte de seu círculo e devem eliminar o pedaço negativo, representado pelo objeto que forma cada Horcrux. Se faz de suma importância compreender que a destruição deve ser entendida como representativa, o objeto é destruído, mas alma não, ela é e precisa ser compreendida. Isso se explica pelo simples fato de que se Harry é parte desse todo gigantesco que está à sua volta e o compõe, destruir essa parte significa se autodestruir e por conseguinte cometer um ato muito grave contra sua própria existência. A repercussão desse significado pode e deve ser objeto de estudo para futuros trabalhos, visto que não é a intenção desse estudo o desenvolvimento mais aprofundado dessa significação em si.

#### 4.1 O DIÁRIO DE TOM RIDDLE: A REPRESENTAÇÃO DA PERSONA

A primeira divisão da alma de Voldemort foi feita em um diário, quando estudava em Hogwarts e ainda era conhecido por Tom Riddle. Ele mata uma aluna e a partir desse ato de maldade, transpõe a alma fragmentada para o objeto. Após se tornar o Lorde das Trevas, Voldemort confia o diário à Lúcio Malfoy, que o esconde nas coisas de Gina Weasley.

- Recebi-a de você, Harry. O diário de Riddle, o que dava instruções para reabrir a Câmara Secreta.
- Não compreendo, senhor.
- Bem, embora eu não tenha visto o Riddle que saiu do diário, o que você me descreveu foi um fenômeno que eu jamais presenciara. Uma simples lembrança começar a agir e pensar por conta própria? Uma simples lembrança exaurir a vida da menina em cujas mãos foi parar? Não, alguma coisa mais sinistra vivia naquele livro... um fragmento da alma, eu estava quase seguro. O diário era uma Horcrux. (ROWLING, 2005b, p. 363)

O diário, que é capaz de guardar os segredos mais profundos, também serve como guia para abrir a Câmara Secreta e é a prova de que Voldemort era o herdeiro de Slytherin. A pessoa que o tivesse era induzida a compartilhar seus mais íntimos segredos e a ser dominada pela força daquela Horcrux. Comprovando a ideia de que o diário pode guardar uma parte da alma, Riddle, ao lembrar que Gina utilizou o objeto, diz a Harry: “— Do diário. Do meu diário. A pequena Gina anda escrevendo nele há meses, me contou suas tristes preocupações e mágoas [...] me revelou sua alma” (ROWLING, 2000b, p. 260-261).

Escrever um diário é uma forma de se tornar imortal. Guardar suas memórias de forma escrita as torna perduráveis, uma vez que ao contrário da palavra falada, a palavra escrita permanece. “— Uma lembrança — disse Riddle com suavidade. — Conservada em um diário durante cinquenta anos.” (ROWLING, 2000b, p.259). Como já dito anteriormente o diário servia como uma forma do vilão representado pela persona, na adolescência, expressar seus desejos mais terríveis. A persona pode ser entendida como a face que o indivíduo usa para confrontar a sociedade num estágio de desenvolvimento específico. Riddle, quando jovem estudante, era um aluno bonito,

dedicado e reconhecido, era monitor da Sonserina e manipulou o diretor de Hogwarts na época, professor Dippet, incriminando um outro aluno para que ele pudesse manter o controle sob a Câmara Secreta.

Deste modo, está claro que o diário de Voldemort carrega em si características negativas da persona em confronto com sua adolescência e que essa força pode ser bastante perigosa visto que aquele que estiver em posse do objeto pode ser dominado por ela. "Querido Tom" — recitou ele, observando a expressão horrorizada de Harry — [...] Houve outro ataque hoje e não sei onde é que eu estava. [...] Acho que estou ficando maluca... Acho que sou a pessoa que está atacando todo mundo, Tom!" (ROWLING, 2000b, p. 261-262). Gina Weasley não sabe ao certo se é ela quem está cometendo os ataques e confia seus sentimentos para o dono do diário. Contudo, a destruição desse objeto no qual o arquétipo está representado se dá pelo próprio Harry em seu papel de ego, que depois de se descobrir na persona, se desfaz permanentemente dessa memória da adolescência de Riddle usando uma presa de basilisco.

Então num farfalhar de penas, Fawkes sobrevoou os dois e uma coisa caiu no colo de Harry — o diário. Por uma fração de segundo, Harry e Riddle, a varinha ainda erguida, olharam para o diário. Então, sem pensar, sem raciocinar, como se tivesse pretendido fazer isso o tempo todo, Harry agarrou a presa do basilisco no chão ao lado dele e enterrou-a direto no centro do livro. Ouviu-se um grito longo e cortante. Um rio de tinta jorrou do diário, escorreu pelas mãos de Harry, inundou o chão. Riddle estrebuchava e se contorcia, gritando e se debatendo e então...Desapareceu. (ROWLING, 2000b, P.271)

Essa destruição só foi possível porque Harry teve um contato anterior com o diário, produzindo assim um entendimento da persona: "Harry não conseguiu explicar, nem para si mesmo, porque simplesmente não jogou fora o diário de Riddle. [...] E embora tivesse certeza de que nunca ouvira falar em T. S. Riddle antes, ainda assim o nome parecia significar alguma coisa para ele, quase como se Riddle fosse um amigo que tivera quando era muito pequeno, e meio que esquecera." (ROWLING, 2000b, p.199). Para o ego, pode ser desagradável e até ofensivo descobrir que ele é um ser imoral, por isso pode haver uma confusão entre ego e persona que acaba em uma objeção quanto à própria identidade. Ao destruir o diário, Harry compreende essa



diferenciação. (WHITMONT, 1994)

#### 4.2 O ANEL DE MARVOLO GAUNT: O ELO ENTRE O SELF E A SOMBRA

A segunda Horcrux era “um feio anel de ouro com uma enorme pedra negra e rachada” (ROWLING, 2005b, p. 157) que pertencia ao avô de Voldemort. Após ter matado seu pai, o Lorde das Trevas transforma o objeto em Horcrux, mata também o resto da família e faz seu tio Morfino Gaunt parecer o culpado. De acordo com Chevalier e Gheerbrant, esse objeto é concebido como um elo, destinado a vincular dois destinos. Porém, o anel tem um significado ambíguo, pois ao mesmo tempo que associa também isola, no sentido de aprisionar. Isso revela uma relação de amo-escravo. (CHEVALIER, 1989).

Deste modo, o anel no sentido de aliança representa a união do self e da sombra. E sendo a sombra justamente o self rejeitado, fica evidente como um dia ambos fizeram parte de um mesmo relacionamento. Com a projeção de elementos negativos jogados para o self no passado, ele se viu obrigado a se dividir, dando origem à sombra. “- A magia sempre deixa vestígios - respondeu o diretor [...] -, vestígios às vezes muitos distintos. Eu ensinei Tom Riddle. Eu conheço seu estilo”<sup>10</sup> (ROWLING, 2005a, p. 563 )

Porém, enquanto representação de objeto aprisionador, mostra como essa divisão não pode simplesmente esperar uma independência já que são unidos por uma mesma energia. O anel escolhido por Voldemort, pertencente à família paterna, encarna em si os aspectos negativos do self. Logo, cabe ao próprio self fazer a destruição dessa Horcrux. Em um primeiro momento pode-se supor que destruindo esse objeto, poderíamos ter um fim da jornada do self, visto que ele elimina aqueles aspectos que rejeita e não deseja. Porém convém lembrar que antes de destruir, Dumbledore decide usar o anel.

Harry notou um anel na sua mão machucada que ele nunca havia visto Dumbledore usando antes; era largo, desajeitado e feito de algo que

---

<sup>10</sup> No original: “Magic always leaves traces”, said Dumbledore, as the boat hit the bank with a gentle bump, “sometimes very distinctive traces. I taught Tom Riddle. I know his style.”

parecia ouro, e tinha uma pesada pedra preta que estava quebrada ao meio. (ROWLING, 2005b, p.53)

Ou seja, ele por uma última vez retoma para si essas características negativas. Ao fazer isso, fica marcado, queimado pelo próprio “mal” que um dia renegou. “... a mão do diretor ...[estava]... escura e sem vida” (ROWLING, 2005b, p. 322). E ao dar vazão a este aspecto novamente, colocando o anel no próprio dedo por escolha, dá poder à sombra que passa a ter maior influência sobre ele, por isso a marca de queimadura que vai aumentando aos poucos, consumindo-o.

A destruição do objeto ocorre pelo self com o auxílio da espada de Gryffindor. Porém corrompido, mesmo após ter destruído essa representação negativa, percebe finalmente que o Ego já está forte o suficiente para assumir a jornada “praticamente” sozinho e então aceita a própria morte, abrindo o caminho para que esse arquétipo possa conquistar o seu destino. “[...] -posso ir com o senhor e ajudá-lo a se livrar... [da horcrux]? [...] pode - confirmou o diretor, com um leve sorriso. - acho que você conquistou esse direito”. (ROWLING, 2005b, p. 367).

#### 4.3 O MEDALHÃO E O FEMININO

A terceira Horcrux era um objeto pertencente ao fundador da casa em que Voldemort estudou em Hogwarts, Salazar Slytherin. Portanto, significava sua descendência respeitável e seu legado deixado na Escola de Magia e Bruxaria. De acordo com Chevalier e Gheerbrant, a principal função de uma corrente ou medalha é a de unir o espírito à psique, ou a razão à alma. É também a corda ou fio que une o corpo físico ao espiritual (CHEVALIER, 1989).

O medalhão havia sido encontrado por um antigo seguidor do Lorde das Trevas. Regulus Arcturus Black foi o primeiro bruxo a tomar conhecimento da criação das Horcruxes. No entanto, ele morreu sem conseguir destruir o medalhão. Mais tarde, Rony destrói o fragmento de alma existente por intermédio da espada de Gryffindor, que continha veneno de basilisco em sua lâmina.

O medalhão está intimamente ligado ao elemento masculino. Ao ser colocado no

pescoço, enquanto objeto, se mostra imponente, vistoso e chamativo, justamente o contrário da sutileza feminina. Assim como as outras Horcruxes, essa também vem como representação dos aspectos negativos do arquétipo, neste caso, as características negativas do lado masculino, como: “a brutalidade, a indiferença, a tendência à conversa vazia, às ideias silenciosas, obstinadas e más”. Essa Horcrux que parece ter vida própria. “— Mas você consegue sentir? [...], Harry pensou ter entendido o que ele queria dizer. Estaria sentindo o sangue pulsar em suas veias, ou havia alguma coisa no medalhão batendo como um minúsculo coração metálico” (ROWLING, 2007, p. 206) também exerce grande influência sobre quem o usa. Não por acaso, Rony ao utilizar o medalhão passa a sentir grandes crises de ciúmes, agressividade e muda radicalmente de comportamento.

Para estar em posse do medalhão Harry, Rony e Hermione precisam roubá-lo da vilã Dolores Umbridge, que é a representação negativa do arquétipo da alma. Para manter equilíbrio, a funcionária do ministério mantém consigo a parte oposta de seu próprio componente. No entanto, Harry traz junto a si a parte positiva da alma, de modo que para conseguir um equilíbrio necessita aceitar seu contra componente masculino positivo. Entretanto para isso, precisa destruir aquele que representa seu aspecto negativo: o medalhão. A influência desse aspecto negativo masculino sobre uma alma positiva tem seus resultados nos comportamentos alterados de Rony que é quem precisa tomar a atitude para a destruição desse objeto e atingir assim seu equilíbrio holístico.

#### 4.4 A TAÇA E O MASCULINO

A taça “pequena e de ouro, [com]... uma gravação, duas asas...” (ROWLING, 2007, p.392) da fundadora da casa Lufa-lufa, Helga Hufflepuff, é a quarta Horcrux. De acordo com Chevalier, ela possui um simbolismo amplo:

“o vaso da abundância e o do vaso que contém a bebida da imortalidade. No primeiro caso, ela é muitas vezes comparada com o seio materno que produz o leite. Mas o simbolismo mais geral da taça aplica-se ao Graal medieval, vaso que recolheu o sangue de Cristo na

Última Ceia, e que contém, ao mesmo tempo, a tradição momentaneamente perdida e a bebida da imortalidade.” (CHEVALIER, 1989, p. 858).

Foi roubada da casa de Hepzibah Smith juntamente com o medalhão por Voldemort. O fato de estarem juntos mostra como ambos formam um par, o feminino e o masculino. Nesse caso, então, vemos nela a representação negativa da alma, uma vez que o medalhão simboliza a parte negativa do lado masculino.

Sob posse desse objeto, Voldemort o entregou para sua fiel seguidora Belatriz Lestrage que o guardou no banco de Gringotes. Belatriz que “se curvava para Voldemort, porque meras palavras não podiam demonstrar o seu desejo de maior proximidade” (ROWLING, 2007, p. 15) representa a parte negativa do lado masculino. Assim como Umbridge, para estabelecer um equilíbrio, mantém sob sua guarda a parte oposta de seu próprio componente, porém como parte negativa masculina é possessiva e por isso o guarda a sete chaves no cofre. Nessa personagem vemos manifestadas características como a agressividade, brutalidade, sangue-frio, arrogância e violência. E é por isso que quando os comensais da morte capturam Harry, Rony e Hermione, ela escolhe Hermione para torturar, pois a menina é o elemento de expressão contrário a si mesma.

Para pegar a taça, no entanto, cabe a Hermione assumir a forma de Belatriz. Esse “assumir” pode ser interpretado como se colocar no lugar do outro. Deste modo, Hermione pode compreender seu outro lado, ainda que não vá toma-lo para sempre. Quando atingem o cofre, Hermione já novamente em sua verdadeira forma é a primeira a encontrar a taça. O impacto de uma alma negativa sobre um elemento masculino positivo tem como consequência uma queimadura gerada em Hermione. “...gritou de dor e Harry iluminou-a em tempo de ver uma taça cravejada de pedras escorregando de sua mão — Ela me queimou! — choramingou Hermione...” (ROWLING, 2007, p.392) que simboliza a marca deixada por esse contato. E a repercussão desse encontro, terá influência direta na representação do ego que também é marcado: “Harry mergulhou e apanhou-a [taça] e, embora a sentisse queimar sua pele, não a soltou, mesmo quando incontáveis taças irromperam do seu punho caindo sobre seu corpo...”(ROWLING, 2007, p.394).

O resultado desse choque, no entanto, acontece de uma forma um tanto quanto

inconsciente. “Sem tomar consciência da dor das queimaduras por todo o corpo” (ROWLING, 2007, p.394). Isso porque não cabe propriamente a Harry esse entendimento, mas sim a Hermione. Quando Harry se separa de Rony e Hermione, os parceiros vão até a Câmara Secreta e destroem a Horcrux por conta própria. “... agora temos uma Horcrux a menos - concluiu Rony, e, de dentro do blusão, puxou os restos da taça[...] -Hermione espetou-a. Achou que devia. Ainda não havia tido esse prazer”. (ROWLING, 2007, p.454). Agora tanto o feminino quanto o masculino podem se unir em paz longe dos perigos da destruição do oposto. Assim se explica porque os dois deviam se unir em matrimônio, como fica claro que aconteceu ao fim do livro: estabelecer o equilíbrio.

#### 4.5 O DIADEMA DE ROWENA RAVENCLAW: A DESTRUIÇÃO PELO INCONSCIENTE COLETIVO

A quinta Horcrux, também de um dos fundadores de Hogwarts, Rowena Ravenclaw, é um diadema pertencente à casa Corvinal. “ – Desculpem, mas o que é um diadema? - perguntou Rony. – É uma espécie de coroa. - explicou Terêncio Boot – Acreditava-se que o de Ravenclaw tinha propriedades mágicas, ampliava a sabedoria de quem usava.” (ROWLING, 2007, p.425). Para Chevalier (1989), a tiara ou coroa simboliza o domínio sobre os três níveis do cosmo e a soberania nos percursos da morte e da vida. Essa representação do objeto implica em uma busca pelo poder, soberania, autoridade e força intrínseco do ser humano.

Harry procura o objeto mas ninguém parece saber seu paradeiro, os alunos da Casa dizem que foi perdido há séculos. Porém havia uma estátua com uma cópia: “Um diadema de aspecto delicado fora reproduzido em mármore, no topo de sua cabeça. Não era muito diferente da tiara que Fleur usara em seu casamento. Neste havia dizeres mínimos gravados [...] - ‘O espírito sem limites é o maior tesouro do homem’.” (ROWLING, 2007, p. 427-428). Ao ver a cópia, ele encontra o fantasma da casa Corvinal, a Mulher Cinzenta, que após muita insistência de Harry, confessa que escondeu o verdadeiro diadema em uma árvore na Albânia e que já havia comentado

isso com um aluno antes. “- Eu não fazia... ideia... ele era...lisonjeador. Parecia... entender... se solidarizar...” (ROWLING, 2007, p. 449). Nesse momento Harry entende que foi Tom Riddle a quem confia seu segredo e lembra que já tinha visto o objeto na chamada Sala Precisa. Voldemort o escondera no momento em que visita Hogwarts depois de formado, a fim de conseguir um cargo de professor.

Não por acaso, na busca pela Horcrux, Harry, Rony e Hermione são perseguidos por Malfoy, Crabbe e Goyle. Justamente os três que representam esse desejo de superioridade e poder sobre os outros. Os três inimigos travam uma luta mas não sabem ao certo o que realmente é o diadema e Crabbe conjura um feitiço chamado Fogomaldito, uma das poucas substâncias com poder capaz de destruir uma Horcrux “Não era um fogo normal; Crabbe usara um feitiço que Harry desconhecia [...] serpentes flamejantes, quimeras e dragões se elevavam e baixavam e tornavam a se elevar.” (ROWLING, 2007, p.460) e acidentalmente o fragmento é destruído no meio de monstros de fogo. A destruição do diadema não foi específica nem tampouco proposital:

“Ele puxou o diadema [...] mas, ao examiná-lo de perto [...] uma substância semelhante a sangue, escura e resinosa, parecia vazar do diadema. De repente, Harry sentiu a coisa vibrar violentamente e se partir em suas mãos, e, quando isso aconteceu, ele pensou ter ouvido um leve e longínquo grito de dor, que não vinha dos terrenos do castelo, mas da coisa que acabara de se fragmentar em seus dedos.” (ROWLING, 2007, p. 462)

Logo, conclui-se que esse objeto pode ser destruído por qualquer indivíduo que possua algum tipo de magia com o poder de fazê-lo. Uma vez que o desejo pelo poder e soberania é de natureza universal e já foi consciente porém de algum modo reprimido ou esquecido, ele constitui-se, portanto, de um aspecto do inconsciente coletivo. (JUNG, 2012b). Pode-se inferir também que o desejo de poder quando exacerbado pode ser a ruína do próprio ser. Se em Draco vemos um receio quanto às suas ações, visto pelo medo quando tem que obedecer qualquer solicitação do Lorde das Trevas, não as vemos em Crabbe. O garoto se encontra à vontade com esse lado negativo, comprovado pelo feitiço perigoso que executa. “- Fogomaldito é uma das substâncias que destrói Horcruxes, mas eu nunca, jamais, teria me atrevido a usá-lo, tão perigoso

que é”. (ROWLING, 2007, p. 462), comenta Hermione após o incidente. Deste modo, ao tentar acabar com Harry e seus amigos, se torna o causador da própria ruína do desejo de poder que sente, pois acaba morrendo.

#### 4.6 A SERPENTE E OS INSTINTOS

A sexta parte da alma de Lord Voldemort está em sua serpente de estimação, Nagini. Ele torna a cobra uma Horcrux quando mata uma bruxa chamada Berta Jorkins na Albânia. Nagini é descrita como comprida - tem a grossura de uma coxa masculina - e extremamente perigosa e mortal.

Voldemort é ofidioglota, ou seja, capaz de se comunicar com as cobras, habilidade que também é compartilhada com Harry Potter. Em um episódio em Godric's Hollow, Nagini engana Harry Potter quando entra no corpo da bruxa Batilda Bagshot: “- Que aconteceu, Harry? Que aconteceu quando ela o levou para cima? A cobra estava escondida em algum lugar? E simplesmente saiu e a matou e atacou você? - Não. Ela era a cobra...ou a cobra era ela... todo o tempo.”(ROWLING, 2007, p. 257). Batilda na verdade já estava morta e Nagini estava dentro do corpo dela. A serpente instigou Harry para que a seguisse usando a língua das cobras, e “uma vez no quarto, a cobra mandou uma mensagem a Você-Sabe-Quem, ouvi a transmissão em minha cabeça, senti-o excitado... disse para me segurar lá...” (ROWLING, 2007, p. 257). Voldemort também consegue controlar Nagini através de sua mente e manda a serpente para várias missões a fim de cometer assassinatos.

A serpente é leal a seu mestre e, de acordo com Alvo Dumbledore, ela e Voldemort tinham uma relação muito profunda, pois a cobra era a única coisa viva com a qual ele se importava. Isso é comprovado quando, após descobrir que suas Horcruxes estão sendo procuradas, encerra-a em uma jaula mágica inatingível.

Para Joseph L. Henderson, em *O Homem e seus símbolos* (2008), a serpente é o símbolo da transcendência por ser uma criatura do mundo subterrâneo e mediadora da vida. (HENDERSON, 2008). Segundo Jung, existe uma natureza animal presente em cada indivíduo, onde os aspectos instintivos prevalecem e são alheios às regras da

civilização. A serpente nesse caso representa o lado instintivo do ser humano.

Isso, no entanto, não faz nada para alterar o fato fundamental de que a natureza instintiva do homem está sempre chegando contra as verificações impostas pela civilização. Os nomes se alteram, mas os fatos permanecem os mesmos. Também sabemos hoje que não é somente a natureza animal que está em desacordo com as restrições civilizadas; muito frequentemente, novas idéias que estão surgindo a partir do inconsciente e são tão fora de harmonia com a cultura dominante quanto os instintos ..(JUNG, 1966, p.20)<sup>11</sup>

O trecho acima explica que os instintos não são os únicos capazes de se contrapor à cultura civilizada em que vivemos. Fazendo uma alusão ao poder de matar de uma serpente, esse animal peçonhento é capaz de matar pela força ou pelo próprio veneno. Logo, a força pode ser entendida como instinto animal e o veneno, que está associado com a corrupção moral, como as ideias inconscientes.

Tudo o que ameaça o bom andamento das regras estabelecidas pela sociedade é considerado como algo negativo. É por isso que a serpente foi morta pelo coletivo. Neville Longbottom, representando a sociedade, com o intuito de acabar com nossos instintos e impor regras, é quem a mata. “Com um único golpe, Neville decepou a cabeça de Nagini, que girou no alto, reluzindo à luz que vinha do saguão de entrada, e a boca de Voldemort se abriu em um berro de fúria, que ninguém pôde ouvir, e o corpo da cobra bateu com um baque surdo aos seus pés...” (ROWLING, 2007, p. 532). É na figura de Neville que carrega consigo características tão próximas às de Harry - pois os dois se encaixavam na profecia - que vemos como todos podemos ser o “Harry Potter” de nossa jornada pessoal. E assim fica clara a união indivíduo e inconsciente coletivo.

#### 4.7 HARRY POTTER: A SÉTIMA E ÚLTIMA HORCRUX

A sétima Horcrux foi feita acidentalmente na noite em que Voldemort mata Lílian

---

<sup>11</sup> No original: That, however, does nothing to alter the fundamental fact that man's instinctual nature is always coming up against the checks imposed by civilization. The names alter, but the facts remain the same. We also know today that it is by no means the animal nature alone that is at odds with civilized constraints; very often it is new ideas which are thrusting upwards from the unconscious and are just as much out of harmony with the dominating culture as the instincts.



e Tiago Potter e tenta matar Harry. Por conta de um feitiço de proteção de Lílian, ao tentar matar Harry, Voldemort recebe o feitiço contra ele mesmo e se reduz a uma forma semelhante a um espectro. O resultado disso é um fragmento de sua alma que passa ao menino e pode ser visto na forma de uma cicatriz.

A partir dos 11, idade de transição, anos a cicatriz deixada na testa de Harry por Lord Voldemort começa a doer: “*Sua cicatriz está doendo? Harry, isso é realmente sério... Escreva ao Prof Dumbledore!*”<sup>12</sup> (ROWLING, 2001, p.22). A marca, que representa o elo entre ego e sombra, dá sempre que existe algum contato entre os dois, seja ele físico ou apenas mental. Quando Quirrell, carregando o espectro de Voldemort em si agarra o menino, Harry sente na hora esta dor “...sentiu a mão de Quirrell fechar-se em torno de seu pulso. E, ao mesmo tempo, que sua cabeça ia se rachar em dois; ele berrou, lutando com todas as forças e, para sua surpresa, Quirrell largou-o. A dor em sua cabeça diminuiu...” (ROWLING, 2000a, p. 251).

Na medida em que vai crescendo, esta dor que vai se tornando mais intensa e poderosa, é geralmente fruto de um contato mental. Aos 14 anos, idade da organização interior, Harry passa a senti-las com mais frequência: “A antiga cicatriz em sua testa, que tinha a forma de um raio, ardia sob seus dedos como se alguém tivesse comprimido sua pele com um arame em brasa.[...] Harry tornou a passar os dedos pela cicatriz. Continuava dolorida.” (ROWLING, 2001, p.19). É através da cicatriz que o contato entre eles pode permanecer. E é a partir do momento em que um pode entrar na mente do outro por conta desse sinal, que a sombra pode ganhar uma possibilidade de manifestação sobre o ego.

De acordo com o psiquiatra Edward C. Whitmont (2001) “a sombra precisa ter, de algum modo, em algum momento, em algum lugar, o seu lugar de expressão legítima”, afinal “nenhum progresso nem crescimento são possíveis até que a sombra seja adequadamente confrontada – e confrontá-la significa mais do que apenas conhecê-la.” (WHITMONT, 2001, p. 40). Se faz necessário entendê-la, e até mesmo lhe permitir um espaço ainda que bem restrito e controlado. “Se desviamos virtuosamente os olhos, não temos essa possibilidade; e então é provável que a sombra, deixada a si mesma, nos atropеле de uma maneira destrutiva e perigosa” (WHITMONT, 2001, p.

---

<sup>12</sup> No original a citação está em itálico.

41). A sombra renegada, aparecerá de alguma maneira em algum aspecto da vida do indivíduo, por isso, não deve ser reprimida, mas sim, compreendida.

No decorrer da história, Harry cada vez mais entende quem é este ser que está ganhando uma forma mais concreta e definida. Mas é somente no último livro que ele compreende que Voldemort nada mais é do que uma representação de uma parte dele mesmo. E que mesmo em seus aspectos negativos dentro da visão da qual ele compartilha, é também uma parte de si que busca reconhecimento e compreensão:

Então, do nada informe que o cercava, chegou-lhe aos ouvidos um barulho: as batidinhas suaves de algo que adejava, se açoitava e se debatia. Era um barulho que inspirava piedade, mas também era ligeiramente obscuro. [...] Encolheu-se. Localizara a coisa que estava produzindo ruídos. Tinha a forma de uma criancinha nua, enroscada no chão, a pele em carne viva e grossa, parecendo açoitada, e tremia embaixo de uma cadeira onde fora deixada, indesejável, posta fora de vista, tentando respirar. Teve medo. Pequena, frágil e ferida como estava, Harry não quis se aproximar dela. Contudo, ele foi se acercando devagar, pronto para saltar para trás a qualquer momento. Logo estava perto o suficiente para tocá-la, ainda que não conseguisse se obrigar a isso. Sentiu-se um covarde. Devia consolá-la, mas ela lhe causava repugnância. (ROWLING, 2007, p. 548-549)

Nesse trecho, Harry tinha acabado de duelar com Voldemort e estava em um local projetado em sua mente, onde não tinha certeza se estava vivo ou morto. À vista disso, Harry se depara com Dumbledore em sua companhia e, mais tarde, com um outro ser, pequeno, frágil e muito ferido, precisando de ajuda. “Quando uma pessoa tenta ver a sua sombra, ela fica consciente (e muitas vezes envergonhada) das tendências e impulsos que nega existirem em si mesma, mas que consegue perfeitamente ver nos outros...” (FRANZ, 2008, p. 222). O ser visto por Harry era Voldemort, a projeção de sua sombra, a qual ele não aceitava, e é por isso que gera no menino um misto de sentimentos reguladores de consolação e repugnância que operam no mesmo momento naquela situação. Observa-se então o instante em que a sombra assume uma forma mais significativa para o garoto que finalmente entendera que o ser é uma parte de si mesmo. Foi preciso que, de forma simbólica, Harry morresse, ou seja, destruísse a Horcrux que encerrava dentro de si.

E é através deste entendimento, que passa de um nível inconsciente para enfim

o nível consciente, que Harry pode achar uma solução para o até então detestável inimigo. “- Me diga uma última coisa - disse Harry. - Isso é real? Ou esteve acontecendo apenas em minha mente? [...] - Claro que está acontecendo em sua mente Harry, mas por que isto significaria que não é real?” (ROWLING, 2007, p. 525). Essa frase explana que a figura da sombra e do self estão presentes de forma ativa no inconsciente do indivíduo enquanto representações arquetípicas e somente a partir da capacidade de compreensão delas pelo ego pode-se chegar à uma completude.

Após a batalha com Voldemort aos 17 anos, idade dos limiares do crescimento emocional e psicológico, Harry extingue definitivamente essa dor causada pela cicatriz. O fato é comprovado no epílogo de *Harry Potter and the Deathly Hallows*, denominado “Dezenove anos depois”, quando Harry atinge a fase adulta e alcança o estágio de aceitação da própria sombra: “A cicatriz não incomodara Harry nos últimos dezenove anos. Tudo estava bem” (ROWLING, 2007, p.590). Portanto, o protagonista da série chega ao autoconhecimento e aprende a conviver e admitir suas características antes negadas.

## 5. CONCLUSÃO

Cada indivíduo se encontra em uma busca incessante pelo equilíbrio pleno do ser. Todos os seres humanos se valem de representações arquetípicas para desvendar e assimilar seu próprio eu ao longo de suas vidas. Essas imagens devem ser acolhidas na medida que experienciamos as diferentes relações e sentimentos provocados em nosso dia-a-dia. No entanto, não se faz suficiente apenas acessar essas imagens. É necessário existir uma troca entre as partes que compõem nossa psique. Essa mudança é observada no momento em que o protagonista da série atinge a significação das partes que o completam e manifesta com segurança de que é somente ele o responsável pela descoberta de sua individualidade.

E Harry viu muito claramente sob o sol quente, as pessoas que se preocupavam com ele saudando-o, e estavam na frente dele o tempo todo, um por um, sua mãe, seu pai, seu padrinho, e finalmente Dumbledore, todos determinados a protegê-lo; mas agora isto estava acabado. Ele não poderia deixar mais ninguém ficar entre ele e Voldemort (ROWLING, 2005b, p. 466)

A destruição das horcruxes em consonância com a metáfora da destruição dos objetos que as representam, mostra como cada um deles era importante na jornada do protagonista. Entender e compreender as escolhas feitas pela sombra para garantir sua imortalidade é um chamado coletivo que deve ser experimentado por cada um em sua busca individual para encontrar o equilíbrio. Convém, no entanto, atentar para o fato de que, pensados esses elementos destruídos como parte da totalidade na qual Harry age como protagonista assume-se que houve em alguns momentos tentativas de autodestruição da própria existência. Como já dito anteriormente, esse significado e suas repercussões são materiais significativos para futuros trabalhos que possam aprofundar esse assunto.

O tema da representação da alma insurge também em outros dois fatores pontuais que não foram abordados no presente trabalho mas que são observados durante a narrativa. O primeiro é o fato de existirem fantasmas que residem na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, os quais possuem a mesma identidade e capacidade cognitiva de quando em vida. O segundo fato são os quadros dos ex-diretores de

Hogwarts, que guardam não somente uma imagem estagnada, mas a consciência desses administradores já falecidos, que gozam do privilégio da mobilidade e, de certa forma, da vida eterna em um objeto.

Existem, também, outras obras contemporâneas que abordam o tema das representações da alma e podem dar início a pesquisas mais aprofundadas. Um exemplo é a obra *Northern Lights* (1995) do autor britânico Philip Pullman, em que cada personagem humano tem um respectivo animal chamado “dæmon”. Estes representam a alma de cada indivíduo e estão sempre junto ao corpo, pois não podem ser separados a uma distância significativa. Ainda no eixo da literatura britânica, a obra *Coraline* (2002), de Neil Gaiman, conta a história de uma menina que descobre um mundo secreto atrás de uma porta, onde ela tem outros pais. Coraline descobre que na verdade eles são maus e aprisionam crianças para depois arrancarem seus olhos. Então a menina precisa encontrar as almas escondidas das outras crianças e só assim pode voltar para sua verdadeira família. Há também um mangá, do autor e ilustrador Rumiko Takahashi, chamado *InuYasha* (1996-2008) que consiste na busca dos personagens InuYasha e Kagome pelos fragmentos da “Jóia de Quatro Almas”, que simbolizam a coragem, amizade, sabedoria e amor e foram espalhados em milhares de partes após a joia ser acertada por uma flecha.

Espera-se, também, que esse trabalho sirva de incentivo para futuros estudos com obras consideradas não canônicas. Nadar contra a corrente da academia pode parecer uma falácia em um primeiro momento, visto pela notoriedade atribuída pela instituição aos grandes eméritos doutores do conhecimento. No entanto, a literatura que é viva e de natureza mutável está em constante transformação. Não se pode deixar de olhar para obras que embora hoje ainda possam estar na condição de renegadas, mas que podem no futuro constituir parte do cânone e mostrar como os preconceitos são uma visão limitada do grande universo literário que está a nossa volta.

A razão pela qual a alma permanece um tema indistinto é o fato de que não se pode explicá-la concretamente. Entendê-la como um elemento que carrega consigo inúmeras representações arquetípicas partilhadas pelos seres humanos, porém ao mesmo tempo, de forma idiossincrática, é apenas uma das milhares de formas de

tentar compreendê-la. Se de fato a jornada de cada indivíduo para manter uma relação harmônica com os elementos que compõe a sua psique deve compreender os componentes trabalhados de forma tão significativa em Harry Potter, não se pode negar a riqueza dessa obra que nos mostra como a complexidade da alma pode ser muito mais íntima do que imaginamos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMS, Jeremiah; ZWEIG, Connie. **Ao encontro da Sombra: O potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. São Paulo: Cultrix, 2001. 356p.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1989. 996p.

DURANT, Will. **A História da Filosofia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. 474p.

FRANZ, Marie-Louisie von. “O processo de individuação”. In: JUNG, Carl Gustav (org). **O homem e seus símbolos**. 2 ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

HENDERSEN, Joseph L. “Os mitos antigos e o homem moderno”. In: JUNG, Carl Gustav (org). **O homem e seus símbolos**. 2 ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Two Essays in Analytical Psychology** - Vol. 7. New York: Bollingen Foundation, 1966. 349p.

\_\_\_\_\_. **A natureza da psique** - Vol 8/2. Petrópolis: Vozes, 2011. 414p.

\_\_\_\_\_. **Psicologia do inconsciente** - Vol 7/1. Petrópolis: Vozes, 2012a. 168p.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** - Vol 9/1. Petrópolis: Vozes, 2012b. 458p.

MORRIS, William, ed. **The American Heritage Dictionary of the English Language**. 2nd. College Edition. Boston: Houghton Mifflin, 1976. 1564p.

PLATÃO. **Fédon**. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Col. Os Pensadores) p. 61-132.

ROGERS, Simons. “The top 100 bestselling books of all times”. **The Guardian**, Londres, 9 ago. 2012. Caderno Datablog. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/news/datablog/2012/aug/09/best-selling-books-all-time-fifty-shades-grey-compare>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

263p.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b. 287p.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c. 348p.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. 583p.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 702p.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter and the Half-Blood Prince**. New York: Arthur A. Levine Books, 2005a. 652p.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005b. 471p.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 551p.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter and the Deathly Hallows**. London, United Kingdom: Bloomsbury, 2007. 607p.

STANFORD, John A. **Os parceiros invisíveis**: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós. São Paulo: Paulus, 2013. 170p.

WHITMONT, Edward C. "Persona: Máscara que Usamos para o Jogo da Vida". In: DOWNING, Christine (org.). **Espelhos do Self**: As Imagens Arquetípicas que Moldam a sua Vida. São Paulo: Cultrix, 1994. 266p.

\_\_\_\_\_. "A evolução da sombra". In: ABRAMS, Jeremiah; ZWEIG, Connie. **Ao encontro da Sombra**: O potencial oculto do lado escuro da natureza humana. São Paulo: Cultrix, 2001. 356p.

WILFRED, Guerin L. et al. **A Handbook of critical approaches to literature**. Oxford: Oxford University, 2005. 424p.